



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES

LETRAS

CARLA FREITAS ABATE

**“CIDADE DE DEUS” DE PAULO LINS: A VIOLÊNCIA NA FICÇÃO
CONTEMPORÂNEA EM SALA DE AULA**

BRASÍLIA - DF
Dezembro/2011

CARLA FREITAS ABATE
RA: 950452-2

**“CIDADE DE DEUS” DE PAULO LINS: A VIOLÊNCIA NA FICÇÃO
CONTEMPORÂNEA EM SALA DE AULA**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES – do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB -, tendo como orientadora a Profª Drª Ana Luiza Montalvão Maia.

Brasília/ DF
2011

Carla Freitas Abate

**“CIDADE DE DEUS” DE PAULO LINS: A VIOLÊNCIA NA FICÇÃO
CONTEMPORÂNEA EM SALA DE AULA**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES – do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB -, tendo como orientadora a Profª Drª Ana Luiza Montalvão Maia.

Aprovada em __/__/__.

Banca Examinadora

Profª Drª Ana Luiza Montalvão Maia-(Orientadora)

Profª Drª Maria Eneida Matos da Rosa (UniCEUB)

Profª Drª. Ana Regina Salviano (UniCEUB)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pela saúde, fé e perseverança que tem me dado. A minha mãe, que sempre esteve confiante na minha trajetória acadêmica e me apoiou nos momentos difíceis. Aos meus amigos queridos e especiais que sempre estiveram ao meu lado me incentivando. Aos meus familiares que me apoiaram nesses momentos de pura tensão. Aos meus colegas de trabalho e de sala de aula que souberam compreender a complexidade desses momentos finais para mim. A todos os professores que muito contribuíram para a minha formação e à professora doutora, senhora Ana Luiza Montalvão, pela dedicação com a qual orientou meu projeto de conclusão, sendo sensível às diversas situações entraves que lhe foram apresentadas. A todos aqueles que me incentivam a persuadir meus ideais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente aos meus pais, que sempre me apoiaram em minhas escolhas, sem nunca deixar de acreditar em meu potencial.

Agradeço aos meus amigos André Lima e Lorraine Andrade, por todas as horas que estiveram ao meu lado me auxiliando no que eu precisasse, principalmente nesses momentos finais.

Ao amigo Paulo Amado que soube ter paciência e esteve ao meu lado me auxiliando com muito carinho.

Agradeço a Prof^a Dr^a Ana Luiza Maia Montalvão, pela compreensão, por tudo que me ensinou em minha vida acadêmica e toda paciência que teve como orientadora deste trabalho de conclusão de curso.

“ Na cidade deserta, nenhuma lembrança da ternura, nenhuma falta do pai registrada na memória. A realidade vazia de quem foi abandonado, a magoa disforme e generalizada de quem não foi amado.

A realidade vazia e/ou sedutora produz um imaginário cheio. Des-limite, poder, arrogância. O indivíduo, sozinho, precisa se constituir a qualquer custo. Vale tudo, vale nada: arma de fogo, controle, ganhar existência em um universo masculino que “ser macho” é algo absolutamente necessário, uma questão de vida ou morte.

A violência se justifica como projeto fundante ao avesso. Como não houve criação, o indivíduo violenta o vazio de sua desgraça. Como não foi visto, destrói tudo o que não lhe vê. Como não foi amado, odeia tudo o que foi negado.

Enquanto isso, na Cidade de Deus os meninos ocupam os lugares dos pais que nunca conheceram. Eles são pequenos, mas já se acham homens. Precisam crescer rapidamente, desesperadamente. Sabem, de algum modo, que viverão muito pouco. Caminham aos gritos, para conseguir, fundar um novo ponto de droga, possibilidade de “ser alguém”. Suas vidas estão assentadas na violência febril, na realidade delirante.

Talvez nunca saberão se são criadores, porque a vida é apenas vida de sobrevivência. Talvez nunca poderão olhar para si mesmos, porque dentro é muito escuro. Talvez serão escravos da

realidade da realidade ou da fantasia enquanto estiverem vivos.

E sequer saudade sentirão.
Nem saudade do passado, nem saudade do presente.”

(MERENGUE, Devanir. **Revista Brasileira de Psicodrama**. Vol. 11 Numero 1 - Ano 2003)

RESUMO

A literatura brasileira contemporânea tem grande importância para a cultura brasileira, pois vem contribuindo com o desenvolvimento literário e reflexivo do leitor, à medida que relata em sua narrativa fatos e acontecimentos históricos atuais, envolvendo esse leitor através de aspectos da violência urbana, aproximando a ficção da realidade. Baseado nesses aspectos, usando como importante ferramenta a linguagem contida na narrativa da obra “Cidade de Deus” de Paulo Lins, este trabalho tem como objetivo mostrar como a literatura contemporânea pode ser trabalhada em sala de aula, de forma interativa, já que o aluno vivencia, seja pela imprensa falada, seja pela televisiva, contextos que ressaltam um cotidiano que banaliza a violência. A metodologia se sustentou no argumento de autoridade e na análise detalhada do *corpus* da pesquisa.

PALAVRAS – CHAVE: Ensino. Violência. Ficção contemporânea.

ABSTRACT

The Brazilian contemporary literature has great relevance to the Brazilian culture for having added value to the literary and reflexive development of the reader, whereas it conveys in its narrative current historical facts, involving this reader through shocking aspects of urban violence, making fiction and reality approximate. Based on these aspects and on the language used in the narrative of the novel "City of God" of Paulo Lins, the objective of this work is to show how the Brazilian contemporary literature can be taught in the classroom in an interactive way, since the student already experiences through different kinds of press contexts that involve a kind of routine, where the violence is not given the needed attention becoming even normal to the eyes of individuals. The methodology was sustained on the argument of authority and on a detailed analysis of the body of this research.

KEY WORDS: Teaching. Violence. Contemporary fiction.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: A narrativa brasileira contemporânea	13
CAPÍTULO 2: Literatura, violência e linguagem na narrativa contemporânea da obra “Cidade de Deus”	18
CAPÍTULO 3: O ensino da ficção brasileira contemporânea – o caso “Cidade de Deus”	24
3.1. Introdução	24
3.2. Plano de Aula	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira do século XXI faz parte de um contexto de vários tipos de desigualdades sociais. O que deveria ser o patrimônio maior da população brasileira, como o povo e sua dignidade, a cultura e a arte, a riqueza natural do país, vem sendo ao longo de várias décadas destruídos de forma brutal e indireta por autoridades de poder, ao mesmo tempo que se avança para o desenvolvimento e crescimento econômico do país e para a globalização. Esses aspectos apontam para uma dicotomia de realidades e valores éticos dentro das cidades brasileiras, sendo geradores de um protagonista indesejável, a violência. Pode-se dizer que a violência faz parte do retrato do país e do povo brasileiro, pois toma conta da periferia dos grandes centros urbanos adentrando-se para os mesmos, assim como dos espaços televisivos, das telas de cinema, da literatura contemporânea, entre outras mídias importantes de comunicação.

Esse novo cenário de violência vem sendo usado como ferramenta de trabalho de políticos, emissoras, escritores, professores, pois como é um problema que afeta a segurança social do cidadão brasileiro, é também de grande interesse da população. Sendo assim, este trabalho foca no aspecto educacional com a intenção de aprofundar a categoria da violência como tema transversal de ensino em sala de aula do ensino médio. Tudo isso através da literatura contemporânea, que hoje faz uso da violência como pano de fundo, como instrumento de choque, usando técnicas que captam a atenção do leitor, já que a obra literária reflete simbolicamente a realidade da ficção da realidade. O corpo deste trabalho compõe-se de três capítulos onde serão trabalhados respectivamente: 1. A narrativa brasileira contemporânea; 2. A literatura, violência e linguagem na narrativa contemporânea da obra “Cidade de Deus”; 3. O ensino da ficção brasileira contemporânea. Não deixando os argumentos de autoridade que subsidiaram a análise do *corpus*, autores como Tânia Pellegrini, Antonio Candido, André Bueno, Roberto Schwarz, Alfredo Bosi, entre outros.

Não se pode deixar de ressaltar que trabalhar textos contemporâneos em sala de aula é um instrumento que desperta o interesse dos alunos, motiva-os a uma

reflexão sobre o contexto em que estão inseridos, promove discussões e, principalmente, desperta o caráter crítico, aspecto de destaque na formação de leitores literários.

CAPÍTULO 1

A narrativa brasileira contemporânea

Existem hoje na literatura brasileira textos conhecidos como *marginais*, os quais relatam em sua narrativa acontecimentos sangrentos e brutais de violência geralmente ocorridos dentro das periferias, aos redores de grandes centros urbanos, mas que já existiam desde a colonização do Brasil.

Essas atrocidades atuais são advindas do sofrimento e revolta, de muitos e muitos anos, de indivíduos de classe social desprivilegiada e discriminada pela sociedade em geral, fatores que acentuam a exclusão e a falta de oportunidades. Pode-se dizer que esse tipo de violência foi, propositalmente, abafada e escondida da população por forças políticas, que controlavam a mídia, a arte, a produção literária. Uma maneira de manipulação da forma de expressão e direitos humanos. De acordo com Tânia Pellegrine (2008) :

“É inegável que a violência, por qualquer ângulo que se olhe, surge como constitutiva da cultura brasileira, como um elemento fundante a partir do qual se organiza a própria ordem social e, como consequência, a experiência criativa e a expressão simbólica, aliás, como acontece com a maior parte das culturas de extração colonial. Nesse sentido, a história brasileira, transposta em temas literários, comporta uma violência de múltiplos matizes, tons e semitons, que pode ser encontrada assim desde as origens, tanto em prosa quanto em poesia: a conquista, a ocupação, a colonização, o aniquilamento dos índios, a escravidão, as lutas pela independência, a formação das cidades e dos latifúndios, os processos de industrialização, o imperialismo, as ditaduras... Todos esses temas estão divididos, grosso modo, na já clássica nomenclatura *literatura urbana e literatura regional*, podendo-se dizer que, ao longo da lenta e gradativa transformação da estrutura socioeconômica e demográfica do país, o desenvolvimento da literatura sempre buscou uma expressão adequada à complexidade de uma experiência que evoluiu tendo como pano de fundo a violência”.¹

¹ PELLEGRINE, Tânia. *No fio da Navalha: literatura e violência no Brasil de hoje*. São Paulo: Editora Horizonte, 2008. p. 41.

Portanto, a violência foi por muitos anos ignorada por autoridades e de forma consciente era deixada passar despercebida. Desde os anos 50 ela vem aumentando em quantidade e adquirindo uma banalidade chocante. A sociedade tem vivenciado essa situação implícita e como a literatura é a arte da representação, não podia deixar de evidenciar tal quadro. Ainda segundo Tânia Pellegrine:

“Não há como negar que a violência assume o papel de protagonista destacada da ficção brasileira urbana a partir dos anos 60 do século XX, principalmente durante a ditadura militar, com a introdução do país no circuito do capitalismo avançado. A industrialização crescente desses anos vai – em última instância – dar força à ficção centrada na vida dos grandes centros, que incham e se deterioram, daí a ênfase em todos os problemas sociais e existenciais decorrentes, entre eles a violência ascendente. Está formado o novo cenário para a revitalização do realismo e do naturalismo, agora com tintas mais sombrias, não mais divididos em “campo” e “cidade”, como antes, mas ancorados numa única matéria bruta, fértil e muito real: a cidade cindida, ou seja, já irremediavelmente dividida em “centro” e “periferia”, em “favela” e “asfalto”, em “cidade” e “subúrbio”, em “bairro” e “orla”, dependendo o uso desses termos da região do país”.²

Na sociedade brasileira, o leitor é um espectador de imagens de todas as formas e intensidades. O dramático acaba por estimulá-lo e incitá-lo a tal ponto, que princípios e valores se confundem levando-o, muitas vezes, a banalizar a retaliação, a vingança, os crimes sangrentos, elevando tais ações à um patamar de normalidade.

O cinema e a literatura contemporânea tem grande força quanto à investigação e crítica dessas questões de violência e novas percepções de relações humanas através do resgate da memória de experiências vividas, da ênfase na textura do discurso ficcional e da relação mútua entre ficção e o fato real. Um inovador estilo de produção de textos que extrapola os limites do gênero são as ficções-limites, aquelas que vão além do concebido como romance pitoresco e tem, neste caso, a violência como pano de fundo e protagonista da ficção brasileira, muito bem apresentada, numa narrativa acompanhada de imagens textuais, com o intuito de chamar a atenção do leitor. Essas

² PELLEGRINE, 2008, Ibidem p. 44.

ficções-limites, por exemplo, foram muito usadas por jovens escritores depois da metade da década de 1970, onde almejavam oferecer ao leitor denúncias, informações novas ou ocultas daquela época de repressão.

De acordo com Lucia Helena, autora do texto *Uma sociedade do olhar: reflexões sobre a ficção brasileira* e professora de literatura brasileira da Universidade Federal Fluminense: “(...) não basta descrever o cenho odioso do torturador, no campo da literatura, se isso não vier acompanhado de uma consciência crítica permanente das formas do narrar e da reflexão artística como propiciadora de uma ampliação do potencial não só de conhecimento, mas de criação que transcenda o mero relato, sem vetar a ficção e sua carga transformadora e formadora”. Para a autora, isso tem bastante relevância, pois numa sociedade onde a vida vem sendo desvalorizada e o valor material esta em ascensão, o romance acaba se dispersando em átomos e convocando o desenvolvimento de um novo efeito de leitura, implicando uma nova pedagogia do olhar.

Quanto mais elementos, informações, imagens, características, mais atraente se torna a obra para o mercado de consumo atual. Essas tendências da programação visual, como obras que foram adaptadas para o cinema e à televisão junto à literatura contemporânea, vieram sob o impulso da globalização. São recursos de marketing que vendem, mas que também desgastam e empobrecem a narrativa da obra original, pois onde há muita informação também pode haver pouca comunicação.

Nos últimos anos, a violência vem se igualando quanto ao nível de gravidade, tanto no interior do país, quanto nos centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo. Ataques de retaliação a autoridades policiais e a cidadãos civis fazem parte do quadro de auto índice de crimes cometidos no país. A autoridade no Brasil está também nas mãos de grupos que comandam o tráfico de drogas e crimes organizados, mesmo quando os esses grupos se encontram detrás das grades. Milícias tomam conta de favelas na tentativa de expulsar o tráfico de drogas e controlar lucros de ilegalidades secundárias como a distribuição de jogos, gás, TV a cabo. Isso faz com que guerras se acirrem cada vez mais e mais mortes ocorram, mas parece ser inevitável aos olhos de autoridades governamentais. Essa violência vem sendo então representada tanto na mídia quanto na produção artístico-cultural literária brasileira dos últimos anos.

Objetos determinantes dessa violência na sua relação com o processo geral de simbolização da realidade social devem ser reconhecidos pela população, já que fazem todos parte de uma mesma realidade. Por outro lado, é importante que sejam preservados certo discernimento e consciência crítica, pois a cultura brasileira e a identidade nacional não devem ser caracterizadas através de manifestações de violência. Essa relação violência e cultura chega na tentativa de interpretar a realidade contemporânea de forma mais viva, real e atualizada.

Um dos aspectos importantes que deve ser levado em conta no processo de conscientização do papel da violência na cultura é que foi criada em torno do brasileiro uma concepção de uma índole pacífica, embora sejam bastante evidentes manifestações violentas em seu cotidiano no decorrer da história. Segundo o historiador e especialista no assunto, Sergio Buarque, essa marca de caráter de “cordialidade” foi somente deixada de lado após 1964, quando a violência começa a ser considerada um problema nacional. É nos anos 70, por exemplo, que a violência toma um patamar de mais visibilidade, causando um sentimento de medo e insegurança na população. Foi considerada como resultado negativo do crescimento explosivo das metrópoles urbanas e de seus habitantes, como no Rio de Janeiro e São Paulo e por outro, como reflexo espontâneo à situação antidemocrática do país.

É sabido que alguns jornalistas retratavam ou denunciavam a realidade criminosa dos subúrbios das grandes cidades por meio da ficção no romance-documentário. Conseguiram mostrar o que acontecia dentro das favelas e da marginalidade no âmbito literário, mas a forte fragilidade literária estava no fato de que esses romances encontravam maior êxito nas adaptações para o cinema e a televisão do que entre o público leitor. Um marcante exemplo dentro da literatura urbana da época foi a antologia de contos *Os prisioneiros* de Rubem Fonseca, escrita em 1963. Com um estilo próprio, direto, comunicativo e enxuto, Fonseca usa da linguagem coloquial, um estilo inovador. Dez anos depois, com sua obra *Feliz ano novo*, foi censurado pela acusação de incentivar a violência.

Com o passar dos anos, ocorreram mudanças econômicas, políticas, sociais, culturais, assim como as transformações negativas no perfil do bandido de cada época e junto a ele, o aumento da barbaridade criminosa. O bandido de Fonseca e seus

sucedores da época, por exemplo, já não era mais o conhecido malandro e sim o jovem analfabeto, sem condições de subsistência, desnutrido, fraco, que bem cedo se integra as quadrilhas de tráfico de drogas como um mero mensageiro, o popular “avião ou fogueteiro”. Esse jovem tinha o crime e a marginalidade como parte de sua identidade, tinha condições de vida precária, morava na favela ou na periferia da cidade e ainda quando criança tinha em suas mãos uma arma, seguida de objetos de valor, mulheres e poder na comunidade.

Dando continuidade ao perfil do bandido, o dos anos 80 e 90 é visto como “(...) um frio assassino ou um soldado do tráfico ainda em plena adolescência, sem os valores de honra e a ética marginal do seu antecessor na malandragem”. (SCHOLLHAMMER, 2000, p.38).

Os anos 80 foram marcados por atos de violência de crimes pesados como, seqüestros, assaltos a bancos, laticínios, assassinatos e o aperfeiçoamento do tráfico de drogas, que com seu alto capital de investimento garantia acesso a armamentos militares pondo em maior risco a segurança nas ruas, que não era assegurada pelas autoridades policiais. Nessa época, surge uma forma de cultura de reivindicação por parte de jovens das camadas sociais mais baixas que via a delinqüência como uma opção de vida por motivos de rebeldia contra a injustiça econômica e social. Como exemplo, a chegada do funk, do surfe de trem, do arrastão. Todos como fenômenos culturais das comunidades carentes também retratados em narrativas literárias da época. Já os anos 90 foram marcados por chacinas, aumento significativo do envolvimento de policiais no crime e relatos de corrupção como aconteceu no governo do Rio de Janeiro.

Dentre algumas obras contemporâneas apreciadas por leitores nos anos 90 está o romance de Paulo Lins, *Cidade de Deus*, que é o objeto de estudo desse trabalho e que será analisado nos capítulos seguintes por evidenciar na obra aspectos da violência e da linguagem narrativa pertinente a um universo da periferia de uma metrópole.

CAPÍTULO 2

Literatura, violência e linguagem na narrativa contemporânea da obra “Cidade de Deus”

O livro “Cidade de Deus”, de Paulo Lins, trata das temáticas exclusão social, interações socioculturais e o crescimento da violência como consequência do mundo contemporâneo globalizado. A narrativa da obra dramatiza aspectos característicos da cidade resgatados da memória do autor e através desses recortes, relata o aumento da criminalidade, da violência, da brutalidade na periferia carioca, representada dentro de uma comunidade da periferia do Rio de Janeiro nomeada “Cidade de Deus”. O autor usa o termo "neofavela" para a cidade em oposição à favela antiga, aquela das rodas de samba e da malandragem romântica.

Cidade de Deus é um romance composto em três tempos e três histórias, a de “Cabeleira” nos anos 60, a de “Bené” nos anos 70 e a de “Zé Pequeno” nos anos 80. Estes personagens são pessoas da vida real, moradoras da zona oeste carioca entre os bairros de classe média da Barra da Tijuca, Jacarepaguá, Recreio dos Bandeirantes e Vargem Grande na Comunidade Cidade de Deus, um projeto arquitetônico cujo objetivo real foi de alojar vítimas de uma enchente que resultou em um alto número de desabrigados.

Para uma maior inteligibilidade de sua forma literária, faz-se necessário lembrar que juntamente ao crescimento, no decorrer dessas três décadas, da comunidade referida na obra, veio paralelamente a influência da mídia sobre a sociedade brasileira, em especial da televisão e do rádio. Na base de solidificação e construção da prosa, o romance atravessa a forma padrão da língua e o formal acadêmico, impulsiona-se pela pesquisa, se segura no sensacionalismo jornalístico, adquire familiaridade com o linguajar de gírias dos malandros e de um código linguístico próprio dos bandidos. Aspectos esses que podem surpreender o leitor pela relação

entre a quantidade do material explorado e seu acabamento. Segundo Afrânio Coutinho (1978):

"A Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio".³

A narrativa é construída com um tom de caráter pessoal do autor, por suas experiências pessoais nessa comunidade. Através de inovadoras sintaxes textuais, a narrativa se distancia dos padrões da literatura canônica e adquire qualidades próprias. Esse tipo de produção literária busca um referencial social e cultural contemporâneo tendo como ponto de partida o real e como objetivo, transpor, relatar, traduzir a realidade cotidiana de uma classe social excluída e desconhecida em seu interior pela maior parte da população urbana.

A ficção contemporânea entra no romance para desvendar os aspectos sociais e, nessa ficção, o narrador atua como mediador, não dando espaço ao leitor a uma leitura contemplativa, característica do romance de folhetim, mas sim a uma leitura fortemente engajada envolvendo o leitor através do choque, da quebra de realidade, da expectativa do perigo e da ameaça criados direcionando a atenção do mesmo à aspectos importantes que também fazem parte de seu mundo, mesmo que tais aspectos estejam às margens de seu espaço físico. Como exemplo, a pobreza, a fome, o crime exacerbado, o tráfico de drogas e de armas, a corrupção policial, a prostituição, a discriminação e a exclusão interiorizados dentro da comunidade *Cidade de Deus*.

Narrador e personagens chegam às vezes a serem confundidos na obra aos olhos do leitor, talvez pela proximidade que o narrador tem da realidade sobre a qual narra e sua responsabilidade quanto às significações atribuídas aos personagens e ao contexto, formando identidades, valores sociais e culturais, como se pode ver no

³ COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. (p. 9-10)

exemplo de discurso do narrador na obra, “(...) o assunto aqui é crime, eu vim aqui por isso...” (LINS, 2003, p.20).

De acordo com Roberto Schwarz (1999):

“ (...) colado à ação o ponto de vista narrativo lhe capta as alternativas próximas, a lógica e os impasses. O imediatismo do recorte reproduz a pressão do perigo e da necessidade a que os personagens estão submetidos. Daí uma espécie de realidade irrecurrível, uma objetividade absurda, decorrência do acossamento que deixa o juízo moral no chão.”⁴

Com base na citação de Schwarz (1999), pode ser observado então que a imparcialidade do narrador não permite a existência literal de vítimas ou heróis no texto.

Por tanta familiaridade com o contexto onde se passa a história, foi para o autor da obra mais fácil acompanhar a vida de alguns marginais que alcançaram popularidade através de jornais, os quais faziam deles seus protagonistas. Esse dia-a-dia da comunidade é mostrado no enredo de maneira cronológica. As mudanças das quadrilhas, o aumento do tráfico de drogas, a certeza do lucro alto e facilidade que tinham em traficar sem mesmo precisarem sair da comunidade. Dentre algumas barbaridades expostas dentro dessa comunidade, estavam ainda a marca do racismo, independente de seus habitantes serem em sua maioria pobres e negros, do machismo e da presença de policiais corruptos e violentos que recebiam propinas dos marginais que prendiam. Ou seja, dois lados que se completam no processo de formação de organizações criminais e do tráfico de drogas, os quais contribuíram para o crescimento da cidade. Uma forma ambígua de se ver o desenvolvimento.

O crescimento da violência aparece na obra de dentro para fora, através da transformação de um lugar antes bucólico, como exemplificado no começo da obra na citação abaixo:

⁴ SCHWARZ, Roberto. **Sequências Brasileiras**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999. pg.167.

“Repousou o olhar no leito do rio, que se abria em circunferências por toda sua extensão às gotas de chuva fina, e suas Iris, num zoom de castanhos, lhe trouxeram flash-backs: o rio limpo; o goiabal, que, decepado, cederá lugar aos novos blocos de apartamentos; algumas praças, agora tomadas por casas; os pés de Jamelão assassinados, assim como a figueira mal-assombrada e as mamoneiras, o casarão abandonado que tinha piscina e os campos do Paura e Baluarte --- onde jogara bola defendendo o dente-de-leite do Oberom --- deram lugar as fabricas.”⁵

Essa mudança surge através da própria natureza do conjunto habitacional Cidade de Deus, desde a criminalidade dos anos 60 à violência generalizada do domínio do tráfico de drogas dos anos 90. Relatos de crimes bárbaros se alternam com momentos puros e idílicos no cenário da favela. Devido à marginalidade do lugar, fumar maconha, cheirar cocaína, matar, vender drogas, receptar roubos e manter o posto por meio de ameaças são apenas questões de sobrevivência. Como exemplo de um desses crimes,

“Deram a primeira paulada na orelha esquerda, depois baixaram a lenha pelo corpo todo. A cabeça ficou perfurada pelos golpes de um pedaço de pau com um prego na ponta. O olho esquerdo saltou. Os quatros membros foram quebrados em diversos lugares... Colocaram o cadáver dentro de um saco plástico”⁶

A linguagem literária é composta de aspectos da oralidade juntamente a características de cunho histórico presentes no material narrado e à familiaridade do narrador com o mesmo. Essa aproximação do narrador é um recurso que gera um efeito de aproximação da cena narrada, mas às vezes se alterna com discursos indiretos sugerindo um necessário distanciamento.

Um aspecto importante é o uso de um discurso indireto livre por parte do narrador, que toma para si marcas de oralidade da fala marginalizada de cada personagem dentro da comunidade linguística, mas preserva-se ao mesmo tempo

⁵ LINS, Paulo. **Cidade de Deus**, São Paulo: Companhia das Letras, 2007.(p.10 – 11).

⁶ LINS, 2007, Ibidem, (p.104 – 105).

distante e imparcial quanto ao espaço físico e as ações dos criminosos e policiais, as quais são atentamente analisadas e observadas por ele.

A narrativa então, em sua maior parte, é construída através de uma linguagem coloquial vulgar, chula, com transcrições diretas dessa oralidade, onde pode-se observar a constante presença de palavrões e gírias como marcas de oralidade e letramento da comunidade lingüística em questão como na citação abaixo:

“ --- Quale, meu irmão, ta fazendo disfeita do birinaite que eu te paguei?
 --- Não, é que eu tava de saída, já... é... é...
 --- Ta nervoso porque? Fica frio que so quero te dar uma idéia...
 --- Eu... eu... eu...
 --- Eu é o caralho, rapa! Tu é cagete safado!
 --- Mas... mas... mas...
 --- Mas é o cacete! Vamo ali pra gente levar uma idéia na moral, num vou fazer nada contigo, não --- disse Inferninho apontando com a arma para a praça da Quadra Quinze.”⁷

Pode-se dizer também que a língua revela, dentre várias características, identidade, pois através dela pode-se verificar os níveis de letramento ou não do indivíduo. Pode-se dizer até que ela é a realização da linguagem e nos permite traduzir as variadas vivências que formam e marcam o ser de cada um no mundo. Dessa forma, através da linguagem, o narrador passa ao leitor experiências dos habitantes de “Cidade de Deus”, marcas de personalidade e identidade dos mesmos para um melhor entendimento do leitor quanto ao contexto, à cultura existente e a trama da produção literária.

Quanto à disposição espacial, ela se faz em blocos narrativos, onde o autor narrador recria ambientes através de sequências contínuas de recortes, como por exemplo, nas cenas onde se fala das brigas domésticas, dos assaltos ao caminhão de gás, das batidas policiais, etc, e narra uma sequência de várias narrativas pessoais que se encontram enlaçados pela violência cotidiana. Estão ainda presentes contínuas

⁷ LINS, 2007, Ibidem, p.57.

interrupções na linearidade da narrativa, no clímax, com fatos aparentemente de extrema importância a serem mencionados naquele exato momento em que um bloco narrativo cheio de ações está para ser finalizado, deixando as consequências resultantes das mesmas para mais adiante no texto. Este é um recurso utilizado com a finalidade de causar suspense e segurar o leitor, mas que logo volta a dar espaço à cena que temporariamente fora deixada de lado, causando na sequência um efeito de continuidade e agilidade de movimentos que vão construindo a narrativa.

Contudo, é possível observar na obra uma proximidade entre a linguagem literária e a linguagem cinematográfica, que pode ser explicada pelo alto teor imagético visual, a linguagem fracionada, a relação entre a velocidade das ações e a sua transposição para o texto, entre outros aspectos. É uma técnica utilizada para captar e revelar ângulos diversos dos contextos e impasses de âmbito social. Tais aspectos revelam certo intercâmbio entre literatura e o cinema. Por fim, a produção do texto literário atual, frente aos impasses sociais, insiste em explorar a difícil realidade contemporânea e de certa forma, *Cidade de Deus* abrange a pressão desse processo social atual apoiando-se na continuidade do ato de narrar. Dito isso, no próximo capítulo, será trabalhado a literatura dentro da sala de aula como uma rica ferramenta que permite a análise e o desenvolvimento de temas transversais relevantes à realidade da sociedade atual, neste trabalho em questão “a violência e ensino da ficção brasileira contemporânea”, que contribuem para a educação do jovem brasileiro.

Capítulo 3

O ensino da ficção brasileira contemporânea – o caso “Cidade de Deus”

3.1. Introdução

A literatura sempre foi um importante fator contribuinte no processo de conhecimento, reflexão e de desenvolvimento da cultura brasileira. Como um dos mais preciosos veículos de expressão e comunicação da antiguidade até os dias de hoje, foi através dela que se informaram e concretizaram as mais belas e variadas formas de arte e vida, assim como marcantes aspectos sociais, políticos e econômicos que fizeram parte da história da sociedade brasileira. Se ensinada em sala de aula do ensino médio como uma ferramenta de comunicação facilitadora da compreensão da realidade e de aspectos históricos relevantes que a desenvolveu até o presente, poderá direcionar e levar o aluno ao desenvolvimento de seu espírito reflexivo e crítico, aumentando seu letramento literário e proporcionando-lhe uma visão mais ampla do mundo contemporâneo e globalizado, de forma que, paralelamente, o ajudará a desenvolver idéias e formar opiniões que facilitaram sua inclusão na sociedade brasileira como cidadão.

Os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) propõem a formação do aluno como cidadão dentro do ambiente escolar, onde ele seja capaz de refletir, argumentar, inferir, formar opinião, tudo isso dentro da sociedade brasileira. Considerando essa proposta, a literatura por sua riqueza de linguagem e conteúdo, seria uma das mais eficientes ferramentas agregadoras ao processo de leitura e formação crítica, mas infelizmente seu uso ainda se resume a textos selecionados com fins de explorar aspectos de produção textual e gramaticais.

A reflexão e a aquisição de conhecimento, dentro do ambiente escolar, vêm de um contexto criado pelo professor ao aluno de modo que instigue sua curiosidade, inteligência e conhecimento de mundo antes da leitura. Nesse processo faz-se necessário levantar conhecimentos prévios do aluno para que se situe e se identifique

com o assunto proposto através de associações que formem significado. Em contrapartida, a falta de um ambiente familiar incentivador a prática de leitura, de um ambiente escolar bem estruturado, de uma boa escolha do material didático e da qualificação atualizada de professores são, entre outros, fatores contribuintes para a desmotivação do aluno quanto à leitura.

É sabido que a leitura ainda não faz parte, de forma considerável, do dia-a-dia dos jovens estudantes de ensino médio também devido a fatores culturais, sociais, econômicos, etc. Isso pode dificultar a execução de um trabalho focado e direcionado dentro do ambiente escolar.

Logo, para que se alcance um resultado produtivo quanto à compreensão e reflexão do assunto em questão nesse trabalho, será essencial para as aulas que serão ministradas a leitura antecipada, feita pelos alunos, da obra “Cidade de Deus” de Paulo Lins. Como ferramenta de ajuda nesse processo de compreensão e reflexão, o conhecimento prévio de mundo dos alunos também será levantado como forma facilitadora de uma aproximação entre o contexto do romance e da realidade do aluno.

Atendo-se ao plano de aula, as aulas terão como objetivo a compreensão e a reflexão dos discentes sobre a violência na narrativa contemporânea da obra “Cidade de Deus”. O conteúdo será dividido em quatro aulas de 50 minutos cada em turmas do terceiro ano do ensino médio.

As aulas contemplaram as habilidades especificadas no plano de aula através de um trabalho interdisciplinar. Para isso, serão usados trechos do livro, fotografias e tirinhas que dão destaque a violência no centro e na periferia das cidades. Será ressaltada que a narração que é feita por quem vive na periferia se diferencia da narração de textos jornalísticos, os quais os relatos são feitos em terceira pessoa e pelo ponto de vista de quem está de fora. O filme que foi feito baseado na obra de Paulo Lins e dirigido por Fernando Meirelles em 2002 será passado em sala de aula para completar o processo de reflexão e interpretação dos contextos sociais e linguagem de violência seguido da realização de tarefas.

3.2. PLANO DE AULA

Professor (a): Carla Freitas Abate

Escola: Centro Educacional 7 Planaltina

Disciplina: Literatura

Turma: 3º ano do nível médio

Duração: 4 aulas de 50 minutos

Assunto: A violência na ficção contemporânea de “Cidade de Deus”

COMPETÊNCIA(S)	HABILIDADE(S)	PROCEDIMENTOS
<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer aspectos da violência presente na linguagem literária contemporânea • Compreender o contexto e o uso da categoria da violência na obra “Cidade de Deus” de Paulo Lins. • Reconhecer as diferenças entre o texto literário e a adaptação para o cinema. “Cidade de Deus” (Romance) e “Cidade de Deus” (filme) 	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir e identificar os aspectos sociais da obra contemporânea e o uso de uma linguagem pertinente. • Refletir o uso da linguagem da violência como expressão de situação de desigualdade social. • Refletir e identificar a linguagem da violência presente no texto e na periferia dos grandes centros urbanos. • Ler e identificar a diferença da utilização da linguagem na obra “Cidade de Deus” (romance) e em “Cidade de Deus” (filme) 	<ul style="list-style-type: none"> • Debatendo aspectos de violência dentro da obra encontrados em trechos do livro. • Interpretando atos de fala que relatam a violência dentro da narrativa e sua significância. • Refletindo sobre a realidade do contexto da obra e a realidade atual. • Apresentando o filme da obra.
<p>BIBLIOGRAFIA: LINS, Paulo. Cidade de Deus, São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Libanêo, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1990. Filme: “Cidade de Deus”, direção de Fernando Meirelles, 2002.</p>		

AULA 1

A primeira aula será iniciada com perguntas lançadas aos alunos sobre aspectos sociais de violência que sabem ou já vivenciaram dentro de sua comunidade, assim como as várias mídias que destacam a questão violência. As perguntas serão feitas com o objetivo de ativar o conhecimento prévio do aluno sobre o assunto aproximando seu mundo da ficção literária. Exemplos de perguntas:

- a) Que tipo de violência nos deparamos hoje nas ruas?
- b) Alguém leu ou assistiu na televisão ou no cinema algum relato de violência verídica?
- c) Através de quais outros meios de informação podemos nos manter informados quanto à violência?
- d) Vocês acham que a literatura é um bom meio de comunicação? Podem citar alguns aspectos positivos desse meio de comunicação?

Em seguida, alguns aspectos da obra “Cidade de Deus” de Paulo Lins e do autor serão expostos aos alunos como:

- quem é Paulo Lins
- classificação da obra
- como é construída a narrativa
- tipo de linguagem
- contexto em que foi escrita

Feito isso, dar-se-á início a uma leitura com os alunos em voz alta, de trechos da obra “Cidade de Deus” de Paulo Lins com o intuito de mostrar a linguagem literária refletindo a violência urbana. Ressaltar que o texto da obra reflete a violência que “inunda” as grandes cidades e também as suas tendências, não sendo possível falar em uma linguagem coloquial na ficção brasileira contemporânea sem associá-la a violência urbana. Isso será discutido após a apresentação. Segue na página abaixo alguns exemplos de trechos do livro que serão usados em sala de aula para elucidar tais aspectos de violência:

Trecho 1:

“– Agora vão andando um do lado do outro com as mão na cabeça – ordenou o policial.

– Mas ...

– Mas é o caralho, rapa!”⁸

Trecho 2:

“ – Cadê seus macho, sua crioula filha-da-puta!?

– Não tenho macho não, e é o seguinte: você não pode invadir a casa dos outros assim, não. Por isso que eu não gosto dessas porra de PM, morou? Ainda mais saramango paraíba!

Cabeça de Nos Todo a agride com socos e pontapés. Maracanã revida, da mordidas no policial, que consegue agarrá-la.

– Me larga, paraíba safado!⁹

Após a apresentação dos trechos, elaborar junto aos alunos um exemplo de adaptação de linguagem dos trechos se escritos fora do contexto de violência do livro, sem descaracterizá-los coloquialmente, como nos exemplos abaixo:

Trecho 1 reescrito:

“– Agora vão andando **um** do lado do outro com as mão na cabeça – ordenou o policial.

– **Mas...**

– Mas é o **caramba**, rapa!”

Trecho 2 reescrito:

“– Cadê seus **homem**, sua **morena da vida**!?

– Não tenho **homem** não, e é o seguinte: você não pode invadir a casa dos outros assim, não. Por isso que eu não gosto dessas **porcaria** de PM, morou? Ainda mais saramango paraíba!

⁸ LINS, Paulo. **Cidade de Deus**, São Paulo: Companhia das Letras, 2007.p.102.

⁹ LINS, 2007, Ibidem, p.61.

Cabeça de Nos Todo a agride com socos e pontapés. Maracanã revida, da mordidas no policial, que consegue agarrá-la.

– Me larga, paraíba safado!”

Como atividade de casa será solicitado ao aluno que encontre trechos do livro que mostrem aspectos sociais de violência e que façam possíveis adaptações de linguagem como exemplificado em sala.

AULA 2

Através dos trechos escolhidos pelos alunos em casa e reescritos com uma linguagem de quem vê e vive de longe esses acontecimentos, será iniciado um trabalho de interpretação dos atos de fala que relatam a violência dentro da narrativa. Com discussões iniciadas pelo professor sobre a linguagem utilizada no texto e na periferia dos grandes centros urbanos, novos significados serão construídos sobre esses atos de fala e os variados contextos. O aluno terá a oportunidade e espaço para ler em sala e em voz alta o trecho escolhido e reescrito por ele. Poderá expor opiniões e fazer críticas.

Como atividade, será pedido aos alunos que tragam um recorte de jornal ou de revistas que relatem acontecimentos de violência atuais, através de fotografia e/ou texto, acompanhados de comentários dos mesmos sobre o recorte. Seguem alguns exemplos de recortes na página seguinte.



Fonte: <http://www.google.com.br/search?q=violencia+nas+escolas>



Fonte: <http://cronicasurbanas.files.wordpress.com/2009/06/mafalda-brincando-de-governo.jpg>

AULA 3

Nessa terceira aula, através dos recortes de jornais ou revistas solicitados como tarefa de casa, será feita uma mesa redonda para se discutir os textos como contextos de violência, desigualdades econômicas, sociais, culturais, em busca de inferências, informações implícitas e explícitas nos mesmos. Será realizada uma reflexão sobre esses aspectos dentro da obra em geral. Questões que serão levantadas como auxílio ao desenvolvimento do debate:

a) de que forma o texto dos recortes se correspondem com o contexto do livro “Cidade de Deus”, de Paulo Lins;

b) a oralidade, a linguagem, as gírias, palavrões e o que refletem;

c) a expansão da violência em diferentes contextos, não só a física, como também a simbólica, a ideológica, a cinematográfica, a publicitária, entre outros tipos.

Observações:

Alguns conhecimentos prévios que os alunos devem ter para ler as tirinhas da Mafalda: a) saber que a Mafalda é uma personagem de tirinhas criadas por Quino, um autor argentino; b) que as tirinhas da Mafalda falam do dia-a-dia de uma menina de sete anos que se recusa a aceitar o mundo como ele é; c) decorrentes de momentos de muito humor perpassados por uma acentuada visão crítica da sociedade contemporânea, as tirinhas da Mafalda refletem questões da atualidade, apesar de terem surgido pela última vez em 1973.

AULA 4

Nessa quarta aula, o filme dirigido por Fernando Meireles, adaptado da obra “Cidade de Deus”, será passado aos alunos em sala de aula. Antes do filme começar, o professor estabelecerá a diferença entre o texto literário e o texto cinematográfico, observando que a mudança de veículo altera a mudança da narrativa, apontando que

na obra literária há mais explicações, mais detalhes e que no filme ocorre uma condensação. O filme será interrompido sempre que necessário para que juntos, professor e alunos, possam apontar e comentar fatores de desigualdade social e violência dentro da periferia e fora dela, aspectos de oralidade em seus variados contextos que antes foram observados no livro e alguns dos fatos que nortearam a composição do filme.

Como atividade, será pedido aos alunos que escrevam um parágrafo ou observações que estabeleçam diferenças entre o texto literário e o texto cinematográfico e sua subjetividade quanto ao enredo em geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi visto no decorrer do texto, a violência nas grandes metrópoles brasileiras vem se agravando em quantidade e qualidade a cada década, o que deixa a população a mercê do tráfico de drogas, dos seqüestros, da marginalidade, entre outros crimes. Essa violência vem fazendo parte do dia-a-dia do cidadão e modificando estilos de vida atingindo diferentes classes sociais.

Sendo a violência um tema importante e de cunho nacional, é importante que se de uma atenção especial para a questão do combate ao crime de forma eficaz, para que a ordem seja restaurada e possa ser devolvido aos brasileiros o direito de uma vida tranquila e digna de seus esforços ao lado de suas famílias.

Ao se levar em conta esses aspectos, pode-se dizer que passa a ser um dever de todos, além das autoridades de poder que regem o país, trabalhar em voga desse combate ao crime, pois existem vários caminhos a percorrer em prol de um futuro melhor e mais seguro às novas gerações que vem adiante. Dentre esses caminhos, vimos no texto que a Literatura brasileira contemporânea é um deles, tendo muito a agregar a educação dos jovens quando ensinada pelas instituições de ensino e professores como instrumento formador de cidadãos de espírito crítico e reflexivo, capaz de fazer inferências e tomar decisões, pois é promotora de conhecimento, educação, cultura e informação.

A questão da violência dos dias de hoje na narrativa brasileira, como também foi dito ao longo deste trabalho, está presente em várias obras de autores brasileiros contemporâneos renomados, exemplificado na obra trabalhada no texto, "Cidade de Deus", de Paulo Lins. Como consta no texto, essa questão é trabalhada junto à ficção e traz em sua trama uma consciência crítica atualizada do narrador, que parte do real como ponto de referência.

Dessa maneira, o texto é construído e enriquecido, proporcionando ao leitor caminhos para novos olhares através de uma linguagem coloquial pertinente à periferia da cidade do Rio de Janeiro. Viu-se que esse estilo de narrativa prende a atenção do leitor através do choque provocado pela violência e gera expectativas do que vem

adiante, de forma que direciona o leitor à aspectos de temas transversais da atualidade como a desigualdade social, o descaso para com a educação e outros problemas como a banalidade do crime, a impunidade dos criminosos, a corrupção das autoridades, a falta de seriedade quanto ao combate do tráfico de drogas e quanto a saúde física e mental do cidadão brasileiro.

Viu-se também que obras como esta é de grande interesse da indústria cinematográfica, pois a violência que está nas ruas das cidades brasileiras mexe, por diferentes razões, com o público e conseqüentemente, vende pelo espetáculo de imagens proporcionado.

Logo, foi mostrado através desse trabalho que todos esses aspectos de violência e temas podem ser trabalhados em sala de aula dentro dos textos de literatura contemporânea juntamente a textos multimodais, de maneira educativa, interativa e construtiva, um pouco mais aprofundada e direcionada do que vem sendo trabalhado ainda por várias instituições de ensino, mesclando imagens, aspectos da narrativa, aspectos de linguagem, aspectos sociais, e lembrando que a participação conjunta e prática de docente e discentes na análise desses aspectos para a formação de novos significados são fundamentais para que se atinja o resultado almejado, o qual servirá para o presente e futuro desses jovens.

Referências

BOSI, Alfredo. **Situação do conto contemporâneo brasileiro**. São Paulo: Cultrix, 1995;

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**, São Paulo: Ática, 1986;

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. (p. 9-10)

DIAS, Maria Odila L. da Silva. Sérgio Buarque de Holanda, historiador. In: Sérgio Buarque de Holanda. **História**. São Paulo: Ática, 1985.

DUARTE, Livia Lemos. "**Ação e narração, em cena Cidade de Deus**", In: BUENO, André (org.). **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006;

FILHO, Domicio Proença. **A linguagem Literária**, 7 ed. São Paulo: 1999.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Prefácio de Antonio Candido. 12a ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.

LINS, Paulo. **Cidade de Deus**, São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PELLEGRINI, Tânia. **Ver e imaginar o outro, Texto: No fio da Navalha: literatura e violência no Brasil de hoje**. São Paulo: Editora Horizonte, 2008.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Breve mapeamento das relações entre violência e cultura no Brasil contemporâneo**, 2000.

SCHWARZ, Roberto. **Sequências Brasileiras**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.